

Índice

Prefácio de André Gide	7
Nota do Tradutor	11
<i>Fome</i>	
Primeira Parte	15
Segunda Parte	67
Terceira Parte	109
Quarta Parte	167

Primeira Parte

Foi na época em que eu vagueava, esfomeado, por Kristiania, essa cidade bizarra de onde ninguém sai sem que ela lhe deixe marcas...

Estou deitado, acordado, no meu quarto na mansarda, e ouço um relógio lá em baixo dar as seis horas. Já fazia bastante luz e as pessoas começavam a subir e a descer as escadas. Junto à porta, onde a parede do meu quarto estava forrada com edições antigas do *Morgenbladet*, via claramente um edital da Direção-Geral dos Faróis* e, um pouco à sua esquerda, um anúncio exuberante, a negro, ao pão fresco do padeiro Fabian Olsen.

Assim que abri os olhos, comecei, por hábito, a pensar se aquele dia me traria algo de agradável. Andava falido nos últimos tempos e levava, um atrás do outro, os meus pertences ao «Tio». Tinha-me tornado uma pessoa nervosa e irritadiça, e numa ou outra ocasião passara um dia ou dois de cama, afetado por tonturas. De vez em quando, em calhando ter sorte, um jornal pagava-me cerca de cinco coroas por um folhetim.

À medida que o dia foi clareando, comecei a ler os anúncios colados acima da porta; conseguia até discernir as letras magras e sorridentes do anúncio às «Mortalhas da Sra. Andersen, com

* *Fyrdirektør* no original (literalmente, diretor dos Faróis), cargo extinto em 1984. A Noruega possui a segunda costa mais extensa do mundo e tem, por conseguinte, um grande número de faróis, que eram geridos pelo Fyrvesen. As funções desta instituição estão agora a cargo da Administração Costeira (Kystverket). (N. T.)

estabelecimento à direita do átrio». Entretive-me com isto por bastante tempo, e ouvi baterem oito horas no relógio do andar de baixo antes de me levantar da cama e de me vestir.

Abri a janela e olhei lá para fora. Dali, via um estendal de roupa e um campo aberto. Mais ao longe, estava uma forja, uma ruína de uma fundição que ardera havia pouco tempo e que alguns trabalhadores estavam então a limpar. Pousei os cotovelos no parapeito e olhei para o céu. O dia prometia ser claro e límpido: tinha, enfim, chegado o outono, essa bonita e fria estação do ano em que tudo muda de cor e morre. Já se ouvia uma barulheira nas ruas, o que me tentava a sair, porque aquele quarto vazio, cujo soalho balançava a cada passo que dava, era tal qual um caixão horrível, desconfortável. A porta não tinha fechadura e não havia lareira no quarto, de maneira que à noite me deitava sobre as meias, para as secar um pouco até de manhã. A única coisa que me alegrava ali dentro era uma cadeirinha de baloiço vermelha, onde à noite me sentava a dormir e a pensar em muitas e diversas coisas. Quando fazia muito vento e as portas lá em baixo estavam abertas, o chão e a parede soltavam todo o género de ruídos estranhos e sombrios, e o *Morgenbladet* junto à porta ficava com rasgões do tamanho de uma mão.

Afastei-me da janela e vasculhei uma pilha de trapos no canto ao lado da cama em busca de algo que comer, mas não encontrei nada, pelo que voltei para a janela.

Sabe Deus, pensei, se ainda vale a pena procurar trabalho! As recusas e meias promessas, os rotundos nãoos, as esperanças vãs e novas tentativas que resultavam em nada tinham-me roubado a coragem. Recentemente, candidatara-me até a uma vaga de cobrador de dívidas, mas fizera-o tarde de mais; além disso, não conseguiria pagar a garantia de cinquenta coroas necessária para entrar em funções. Havia sempre algum impedimento. Também me candidatara ao Corpo de Bombeiros. Eu e os outros candidatos — meia centena — perfilámo-nos no átrio do quartel e inchámos o peito, para assim darmos a impressão de sermos fortes e destemidos. O comandante inspecionou os candidatos um por

um, apalpando-lhes os braços e fazendo-lhes uma pergunta ou outra, mas passou por mim sem se deter; abanou simplesmente a cabeça e disse que eu estava incapacitado para o serviço por causa dos meus óculos. Voltei a candidatar-me e compareci à inspeção sem óculos. Franzi o cenho e semicerrei os olhos, para os tornar tão afiados quanto gumes de facas, e o tal homem passou de novo por mim e sorriu, porque me reconheceu. O pior de tudo era que as minhas roupas começavam a estar tão puídas que já não me conseguia candidatar a um emprego como uma pessoa respeitável.

Estava a degradar-me inexorável e ininterruptamente há já muito tempo, se não mesmo desde sempre! Desde que nascera! No fim, e por estranho que parecesse, não me restava nada, já nem sequer tinha um pente ou um livro para ler quando me sentia demasiado triste. Desperdiçara o verão inteiro em deambulações pelos cemitérios ou pelo parque do palácio, onde me sentava a escrever artigos para os jornais, coluna atrás de coluna sobre todo o género de coisas, desde estranhas efabulações a estados de espírito, genuínos caprichos do meu cérebro inquieto, e no meu desespero optava amiúde pelos assuntos mais rebuscados, que me custavam horas e horas de esforço e nunca eram aceites. Assim que terminava um artigo, começava de imediato a escrever outro, e o *não* dos editores raras vezes me desencorajava, porque dizia sempre para comigo que um dia havia de ser bem-sucedido. E a verdade é que, por vezes, quando tinha a sorte do meu lado e as coisas me corriam de feição, ganhava cinco coroas por uma tarde de trabalho.

Afastei-me de novo da janela, acerquei-me do lavatório e salpiquei os joelhos roçados das minhas calças com um pouco de água, para os escurecer e fazer com que parecessem um pouco mais novos. Isto feito, enfiei papel e um lápis no bolso, como habitualmente, e saí do quarto. Desci as escadas em silêncio, para não chamar a atenção da minha senhoria, porque o prazo de pagamento da renda vencera há dois ou três dias e não tinha forma de a pagar.

Eram nove horas. O ar retinia com um murmúrio de vozes e o estrondear das rodas das carruagens num imenso coro matinal que se misturava com os passos dos transeuntes e os estalidos dos chicotes com que os cocheiros instigavam os cavalos. Esta azáfama animou-me de imediato, e comecei a sentir-me cada vez mais contente. Se havia coisa que não me tinha passado pela cabeça era dar uma caminhada matinal ao ar fresco. Para que queriam os meus pulmões ar fresco? Era forte como um gigante e seria capaz de parar uma carruagem só com os ombros! Apoderara-se de mim uma disposição delicada e estranha, uma sensação de alegria descomprometida. Dei por mim a observar as pessoas com que me cruzava e a ler as placas nas paredes, contrariei a impressão repentina de estar a ser observado por um elétrico que passava por mim, e abri-me por inteiro ao mundo, recetivo a todas as bagatelas, a todas as pequenas trivialidades com que deparava e que logo desapareciam de vista.

Se ao menos tivesse algo que comer num dia tão radiante! Arrebatado pela comoção em mim causada por uma manhã tão alegre, senti-me tomado irremediavelmente por uma sensação de bem-estar e pus-me a assobiar de felicidade sem nenhum motivo em específico. Diante de um talho, uma mulher com um cesto no braço contemplava as salsichas expostas na montra, sim, eram uma boa opção para o almoço!, e, quando passei por ela, desviou o olhar e fitou-me. Só lhe restava um dente na parte frontal da boca. Como os últimos dias me tinham tornado nervoso e susceptível, o rosto da mulher causou-me repulsa: o dente comprido e amarelo parecia um pequeno dedo que lhe irrompia da mandíbula, e os seus olhos estavam ainda cheios de salsichas quando se virou para mim. Perdi de imediato o apetite e senti-me nauseado. Quando cheguei às arcadas, fui à fonte beber um pouco de água. Olhei para cima — eram dez horas na torre da igreja de Nosso Salvador*.

* *Vår Frelzers kirke*, ou *Vor Frelzers kirke*, segundo a grafia em uso quando da publicação deste romance. Nome atribuído até 1950 à agora designada Catedral de Oslo. (N. T.)

Continuei a vaguear pelas ruas sem que nada me perturbasse a mente; parei, sem qualquer necessidade, numa esquina, dobrei-a e segui por uma rua lateral, embora não tivesse nada que fazer aí. Era uma manhã feliz e deixei-me levar pela corrente e arrastar de um lado para o outro, embalando-me tranquilamente no meio das outras pessoas de bem com a vida. O ar estava límpido, o céu, claro, e nada ensombrava o meu espírito. Há já dez minutos que seguia no encalço de um velhote manco. O homem levava uma trouxa numa mão e abalançava o corpo todo a cada passo que dava, a fim de se manter em movimento. Ouvia-o arfar com o esforço e ocorreu-me que lhe podia carregar a trouxa, mas não o tentei alcançar. Na Grændsen, cruzei-me com o Hans Pauli, que me cumprimentou e seguiu caminho. Porque estava com tanta pressa? Nem me passara pela cabeça pedir-lhe uma mísera coroa emprestada, e na verdade queria até devolver-lhe um cobertor que me emprestara algumas semanas antes. Assim que saísse um pouco da aflição em que me encontrava, decerto não queria dever um cobertor a ninguém. Talvez começasse ainda naquele dia a escrever um artigo sobre os crimes do futuro ou sobre o livre-arbítrio, ou qualquer coisa assim, algo que valesse a pena ler e pelo qual me pagassem pelo menos dez coroas... E, ao pensar nesse artigo, senti-me de imediato ansioso, queria começar a escrevê-lo quanto antes e aliviar o cérebro, que estava a rebentar pelas costuras. O que me convinha era encontrar um sítio sossegado no parque do palácio e não descansar enquanto não tivesse concluído o artigo.

Contudo, o velhote aleijado continuava a gingar pela rua fora, mesmo à minha frente. Cada vez me irritava mais seguir na peugada daquele sujeitinho decrépito que me conspurcava as vistas. A sua viagem parecia não ter fim, devia ter decidido ir precisamente ao mesmo sítio que eu, e lá teria de fazer todo o percurso com o sujeito diante dos olhos. Na minha agitação, parecia-me que o velhote abrandava um pouco em cada cruzamento, que esperava para ver em que direção eu seguia e que, assim que tinha a certeza, balançava a trouxa bem alto no ar e retomava a cami-